

## A Poesia Modernista no Brasil: Mário de Andrade

*Aleilton Fonseca\**

O poeta Mário de Andrade (1893-1945) foi um dos principais renovadores da poesia brasileira, na primeira metade do Século XX. Sua liderança surgiu a partir da “Semana de Arte Moderna”, realizada na cidade de São Paulo, em fevereiro de 1922. Neste evento, os escritores jovens, que não aceitavam mais a velha literatura vigente, apresentaram um programa de arte moderna, que dividiu o público e a imprensa, entre aplausos e apupos. A “Semana” marcou o início do Modernismo brasileiro, que revolucionou o pensamento estético na poesia, na ficção e nas artes em geral.

Mário foi autor do primeiro livro da poesia modernista, *Paulicéia desvairada*, publicado ainda em 1922. Nessa obra, o poeta cria a sua poética urbana, elegendo a cidade de São Paulo como assunto principal. Naquela época, a cidade estava-se constituindo como principal metrópole e base da modernização do País, passando por profundas transformações físicas e sociais, num acelerado processo de urbanização e industrialização.

A idéia de escrever poemas sobre a cidade surgiu após a leitura de *Les villes tentaculaires* (1895), do poeta franco-belga Émile Verhaeren, e logo tomou a forma de um projeto estético moderno<sup>1</sup>. A leitura desse livro, ao lado das diversas sugestões colhidas nos manifestos das vanguardas, européias, certamente encorajou e aguçou o impulso criativo do poeta brasileiro, motivando-o para definir sua posição em face da forma e dos temas da nova poesia no contexto brasileiro.

*Paulicéia desvairada* funda a temática da cidade moderna na poesia brasileira. Seus poemas apresentam considerações acerca de aspectos das vivências urbanas, dos elementos paisagísticos e dos objetos que constituíam o espaço da cidade, filtrados pelo sentimento e pelo senso crítico do poeta. A sua predileção pelas imagens urbanas nos faz recuar ao precursor maior do tema, representado por Charles Baudelaire (1821-1867), cujo senso criativo se aguçou pela percepção da cidade de Paris que se transformava vertiginosamente e se impunha ao olhar atento do poeta moderno. Ou seja, “o que os *Tableaux parisiens*, de Baudelaire, significam para Paris, *Paulicéia desvairada* é para São Paulo. Assim como o ciclo urbano de Baudelaire começa com um poema intitulado ‘*Paysage*’, também o de Mário se estrutura em torno de quatro poemas

desse título: ‘*Paisagem nº 1, 2, 3, 4*’<sup>2</sup>.

A eclosão da modernidade, sob o pano de fundo da metrópole enigmática em contínua transformação, foi uma das características marcantes da poesia do autor de *Les fleurs de mal*. As passagens mais significativas de sua obra foram magistralmente comentadas pelo filósofo Walter Benjamin, num estudo sobre alguns de seus temas fundamentais. Assim, pode-se considerar que existem claras afinidades entre o poeta brasileiro, o filósofo alemão e o poeta francês, pela maneira como viam, em momentos históricos e espaços sociais diferentes, a fisionomia da metrópole: “Assim como Baudelaire e Benjamin se debateram com as fantasmagorias da Modernidade nas metrópoles européias, Mário de Andrade vê em São Paulo o lugar apropriado para estudar as fantas-



São Paulo, 1920 - viaduto do Chá, Teatro Municipal e Teatro São José, no fundo à esquerda. Arquivo da Secretaria Municipal da Cultura (S. Paulo)



Retrato de Mario de Andrade, Pintura de Lasar Segall (1927).

magorias da Modernidade nos trópicos. Ele colocou seu trabalho como poeta, romancista e crítico a serviço dessa causa”<sup>3</sup>.

De fato, guardando-se as devidas proporções e particularidades, de acordo com as diferenças de enquadramento histórico e cultural, pode-se rastrear em Mário de Andrade interessantes afinidades com o poeta francês no que diz respeito à maneira como as paisagens urbanas são apresentadas através das figurações poéticas. Evidentemente, a linguagem, o estilo e a perspectiva geográfica são diferentes, mas alguns temas e pontos de vista podem ser comparados, à luz de critérios interpretativos com que Walter Benjamin analisa as imagens da metrópole sob a ótica de Baudelaire. Os escritos do poeta francês apontam os caminhos iniciais que a percepção poética iria percorrer para apreender

der e representar a modernidade como uma contingência inerente à vida das grandes cidades. E, assim como as vivências urbanas constituem um tema intrínseco aos seus versos, também há uma teoria poética moderna que lhe é subjacente, cuja formulação mais expressiva se encontra nos poemas em prosa e nos ensaios estéticos.

Mário de Andrade, em sua época, estava atento às experimentações estéticas que se faziam na França, na virada do século XIX para o século XX<sup>4</sup>. Conhecia não apenas os poemas de Émile Verhaeren, mas também o *Unanimismo* de Jules Romains, que pregava uma poesia que exprimisse os sentimentos unânimes do homem diante da agitada vida urbana<sup>5</sup>. O poeta brasileiro também acompanhava os desdobramentos artísticos resultantes das propostas futuristas e dadaístas, após a

Primeira Guerra Mundial, quando o ímpeto destruidor dessas vanguardas “já se encontrava travado pela concepção ordenadora de um mundo novo, donde a idéia de um espírito novo (ou moderno) que presidia a nova mentalidade criadora”<sup>6</sup>. Mário tinha conhecimento das experiências cubistas e surrealistas, das idéias de Paul Dermée, Epstein, Georges Migot e Ribot, lia e anotava os principais artigos da revista *L'Esprit nouveau*, donde se origina o ecletismo de suas teorizações. A partir desse conjunto de informações, o poeta paulistano assimilou a contribuição estrangeira e desenvolveu suas próprias reflexões, formulando, na introdução do seu livro, um “Prefácio interessantíssimo”, que representa a primeira proposta formal de uma poética da modernidade no Brasil. Logo depois ele amplia suas idéias no ensaio *A escrava que não é Isaura*, escrito no período de 1922 a 1924 e publicado em 1925<sup>7</sup>.

Os poemas de Paulicéia desvairada têm, direta e indiretamente, a marca definidora da modernidade brasileira. Essa marca se caracteriza, sobretudo, por sua dimensão metapoética, uma vez que os poemas são representativos de uma práxis criadora que o poeta instaura e explicita no seu prefácio, como uma estética do “Desvairismo”. Ao lado de seu sentido teórico norteador de um novo fazer poético, a expressão também aponta para a perspectiva de um olhar empenhado em traduzir os sentidos da cidade. Trata-se de uma posição em linha de mirada, a partir da qual as imagens urbanas são observadas e incorporadas ao discurso da poesia. Com efeito, a palavra desvairismo remete à condição de um olhar em vertigem, que se envolve intensamente naquilo que observa e não consegue abarcar ou compreender na totalidade. O olhar em vertigem capta as imagens e as traduz em linguagem, diante de algo ao mesmo tempo próximo e grandioso, mas também distante e inóspito. Esta é a perspectiva fundamental do poeta observador diante da grande cidade, espaço que funciona sob a lógica da velocidade e da

transitoriedade que levam ao desvario do olhar sensível.

Em Paulicéia desvairada a cidade é o tema prioritário e obsessivo. Atualiza-se numa abordagem exaltada em que o poeta emprega todo o alcance do seu olhar em diversos ângulos de observação. Já no próximo livro, *Losango cáqui* (1926), as imagens urbanas são definidas a partir de observações e reflexões colhidas nas andanças pelas ruas e nas viagens de bonde. Nesse momento, o poeta exprime a cidade através de imagens amenas, entusiasmado com as vivências do cotidiano. Nos livros seguintes a cidade continua sendo referida, em trechos em que a paisagem urbana volta a ser objeto de considerações. Mas é em *Lira paulistana* (1945) que o tema volta a ser trabalhado de maneira contínua e metódica em toda a extensão do livro. Trata-se de uma revisão de pontos de vista, resultante da abertura da percepção crítica para outros aspectos da vida urbana, suas contingências sociais e políticas. Nesse livro, Mário retoma os motivos urbanos de forma sistemática, em poemas cuja elaboração supera em muito a concepção formal, os virtuais desequilíbrios e o artificialismo de Paulicéia desvairada que “vêm com certeza do fato de que a poética importada não correspondia à realidade local, muito mais limitada e provinciana do que Paris, seu ponto de origem”<sup>8</sup>.

Ao tematizar São Paulo, o poeta brasileiro produz sobretudo uma poética do olhar. A atitude de contemplação da cidade é um dos traços mais fortes de toda a sua poesia. Já no livro inicial, o autor se propõe a expressar diversas visões da cidade, estabelecidas a partir de um ponto de vista arlequinal. O arlequim moderno é a máscara do poeta “sentimental e zombeteiro que encarna o espírito da modernidade e de suas contradições”<sup>9</sup>, o que permite a expressão das aparências urbanas, sem deixar de mostrar que o eu lírico as percebe como tal e, portanto, elabora em contraface um discurso que procura exprimir a busca de uma essência perdida.

Paulicéia desvairada e *Lira paulistana* representam os dois momentos cruciais da poesia urbana de Mário de Andrade. Marcam os pontos extremos de uma evolução que vai gradativamente do desvario, predominante no primeiro livro, à observação metódica mais rigorosa, predominante no segundo. O seu discurso poético transita da exaltação à reflexão, da contemplação abismada ao crivo crítico diante da cidade em movimento. Nos dois livros, o desvario e o método estão presentes, mas com uma inversão clara da proporcionalidade com que presidem a voz do poeta. Ambos constituem dois momentos distintos e complementares, entremeados pelo percurso urbano dos demais livros, em que se pode rastrear o jogo dialético que envolve a visão, a revisão e a síntese da imagem da cidade na obra do autor. Mário de Andrade atualiza e insere a poesia brasileira na tradição ocidental da poética urbana moderna, acrescentando-lhe a experiência de uma grande cidade dos trópicos. Dessa maneira, São Paulo participa de forma particular da elaboração de uma nova escrita das metrópoles ocidentais, na primeira metade do Século XX ●

\* Aleilton Fonseca é poeta, contista, ensaísta e professor de literatura brasileira na Universidade de Feira de Santana (Estado da Bahia). Também é co-editor da revista *Irarana*.

- <sup>1</sup> ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 233.
- <sup>2</sup> BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 34.
- <sup>3</sup> Idem., p. 35.
- <sup>4</sup> LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade. Ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- <sup>5</sup> “Manifesto Unanimista”. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 75 e 77.
- <sup>6</sup> TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos de poesia brasileira*. Lisboa: Almedina, 1985, p. 58.
- <sup>7</sup> Idem., p. 55.
- <sup>8</sup> LAFETA, João Luiz. *Figuração da intimidade. Imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 20.
- <sup>9</sup> LAFETA, João Luiz. *Op. cit.*, p. 15.

## Obras recebidas na redação

### LIVROS

- ADESKY, Jacques d': *Racismes et anti-racismes au Brésil*, pref. de Juliette Mincez, Paris, L'Harmattan, 2001, 225 p.
- ALBUES, Tereza - *Pedra Canga*, Ed. Philobiblion, Rio de Janeiro, 1987, 109 p.
- ALBUES, Tereza - *O Berro do Cordeiro em Nova York*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995, 245 p.
- BESSE, Maria Graciete: *Percursos do Feminino*, Lisboa, Ulmeiro, 2001, 255 p. recolha de ensaios sobre as romancistas contemporâneas: Maria Ondina Braga, Luísa Costa Gomes, Teolinda Gersão, Clara Pinto Correia, Joana Ruas, Isabel de Sá, Raquel Gonçalves, Leonor Xavier, Sophia de Melo Breyner Andresen e Maria Isabel Barreno.
- BRASILEIRO, Antonio - *A Estética da Sinceridade & outros ensaios*, UEFS, Salvador, 2000, 98 p.
- BRASILEIRO, Antonio - *Pequenos assombros (poesia)*, Ed. Cordel, Feira de Santana (Bahia), 2001, 59 p.
- DANTAS, Luís: *A Revolta da Maria da Fonte*, Ponte do Lima, Edições Ceres, 2001, 87 p.
- DANTAS, Luís: *Bocage no seu tempo*, Ponte do Lima, Edições Ceres, 2000, 59 pp.
- DU PASQUIER, Thierry: *Les baleiniers basques*, Paris, S.P.M. col. Kronos, 2000, 455 pp. in-8° ills. 295 F.
- INDUTA, Zámora: *Guiné 24 anos de Independência (1974-1998)*, pref. Jaime Nogueira Pinto, Lisboa, Hugim, 2001, 196 p. in-8° ills.
- MACHADO, Alice: *A Cor da Ausência*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2001, 113 p.
- MATTOS, Florisvaldo - *Mares anoitecidos (poesia)*, Fundação Cultural da Bahia/Imago, Rio de Janeiro, 2000, 119 p.
- MONTEIRO, António Enes, org.: *Reencontro com Nietzsche no Centenário da sua Morte (1900-2000)*, Porto, Granito Edições e Livrários, 2001, 270 pp. *Comporta comunicações de Joaquim F. Saraiva de Sousa, Luís de Araújo, Luís M. Aires Ventura Bernardo, Carlos A. do Couto Amaral, Mário André P. Veríssimo, José Fernando Guimarães, Fátima Pombo, João Manuel Duque, Neiza Teixeira, Dieter Borchmeyer, Peter Pütz, Astrid Deuber-Mankowsky e Américo Monteiro.*
- NETO, Godofredo de Oliveira: *Marcelino Nanmbrá, o Manumisso*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, 211 p.
- OLIVIERI-GODET, Rita et SOARES de SOUZA, Lúcia - *Identidades e representações na cultura brasileira*, Ed. Idéia, João Pessoa (Paraíba), 2001, 230 p.
- PEREYR, Roberval - *A Amálgama (poesia)*, Ed. MAC, Feira de Santana (Bahia), 2000, 45 p.
- PEREYR, Roberval - *A Unidade Primordial da Lírica Moderna*, UEFS, Bahia, 2000, 102 p.
- PÉRONCEL-HUGOZ, Jean-Pierre - *Petit journal lusitan, avec des photographies de José Afonso Furtado*, Ed. Domens, 34120 Pézenas, 2001, 196 p.
- QUINT, Anne-Marie, dir.: *Le conte et la lettre dans l'espace lusophone*, Cahier n° 8 du CREPAL - Centre de Recherche sur les Pays Lusophones, Paris, Presses de la Sorbonne-Nouvelle, 2001, 190 p. in-8° 121, 40 F.
- REEVE, Charles: *Crônicas Portuguesas*, trad. Júlio Henriques, Lisboa, Fenda, 2001, 127 p. fotografias de José Manuel Balbino. ●●●